

ARTIGO

FENÔMENO BULLYING NA ESCOLA

Daniana Moreira Barros Bittencourt¹

Resumo: Este artigo traz o estudo da problemática *bullying*, ou seja, um conjunto de problemas que envolvem agressões físicas, verbais e psicológicas, intencionais e repetitivas, sem motivação aparente, realizadas por um ou mais agressores em outros indivíduos mais frágeis física e emocionalmente. O problema de pesquisa que gerou este trabalho foi: “Como o *bullying* pode afetar as relações interpessoais na escola?” O objetivo geral foi analisar a influência do *bullying* nas relações interpessoais. Foram objetivos específicos da pesquisa, analisar: as manifestações do *bullying* na escola pesquisada; as opiniões dos alunos e professores sobre a ocorrência e a prática do *bullying*; o parecer dos alunos e professores acerca da interferência do *bullying* nas relações interpessoais dentro da escola; e as medidas adotadas pela escola tendo em vista a interferência do *bullying* nas relações interpessoais entre os alunos. Dessa maneira, foram analisadas as consequências que essas atitudes trazem para os alunos, tanto para as vítimas quanto para os agressores, através de um estudo de caso conforme propõe Yin (2003). A pesquisa foi realizada numa escola particular de Vitória da Conquista - BA que teve, em 2007, 95 alunos matriculados. Essa escolha se deu porque há quem diga que só existem problemas em escolas públicas. Os procedimentos de pesquisa utilizados foram: observações diretas, entrevistas e questionários. Com os dados obtidos foi possível concluir que essa prática agressiva está presente

¹Graduada em Pedagogia e especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb). Coordenadora pedagógica de uma instituição de ensino da rede privada. Artigo extraído do trabalho monográfico de graduação que teve como orientadora a Profª Drª Maria Iza Pinto de Amorim Leite. E-mail: danianabittencourt@yahoo.com.br.

na escola manifestando-se nas mais inusitadas situações, interferindo nas relações interpessoais e no aprendizado dos envolvidos.

Palavras-chave: *Bullying*. Relações interpessoais. Relações interpessoais na escola.

Introdução

Atualmente, se torna errado pensar que a escola é apenas um local para estudar, crescer e ser feliz. Para muitos jovens, o ambiente escolar é uma tortura. Lá, eles são vítimas de humilhações, brincadeiras de mau gosto, gozações. Por vezes, essas brincadeiras chegam a machucar a alma. Os motivos podem ser diversos, mas, geralmente, o que faz com que alguém seja vítima desse tipo de opressão, são as características físicas, emocionais e de aprendizado. Geralmente, pais e professores não notam a sintomatologia das crianças torturadas física e emocionalmente e não podem fazer nada até que elas se manifestem.

Essa maneira de agredir é antiga, mas, somente há pouco tempo, recebeu um nome: *bullying*. Sem tradução precisa para a língua portuguesa, o *bullying* se caracteriza por um conjunto de atitudes agressivas, repetitivas e intencionais, retratadas pela hostilização e perseguição de indivíduos sozinhos ou em grupo (agressores) em relação a outros estudantes (vítimas).

Muitos educadores e pais vêem essa agressão como comportamento normal da idade. É preciso entendê-lo como uma problemática, um comportamento que poderá trazer consequências desastrosas para o indivíduo que sofreu e/ou vem sofrendo as agressões.

Propôs-se, para essa pesquisa, o estudo de caso que, segundo Gil (1991, p. 58), se caracteriza “[...] pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento [...]”. Yin (2003) afirma que o estudo de caso se configura como uma pesquisa empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto real de maneira que não mostra evidentemente as fronteiras entre o contexto e o fenômeno e utiliza

diversas fontes de evidências. Neste estudo de caso, foram utilizadas as seguintes fontes: levantamento e consulta bibliográfica, questionários, entrevistas e observação. Para o levantamento bibliográfico foram utilizados livros, revistas, artigos, periódicos e diversas publicações.

A escolha de ser uma escola o local para realizar a pesquisa se deu a partir de leituras feitas em publicações de Meguerditchian (2007). Segundo ele, o local onde se presencia e é mais frequente a prática do *bullying* é na escola, pois a vítima não tem como fugir. Escolheu-se uma escola particular de Vitória da Conquista – BA, que atende do maternal à 8ª série. A escolha se deu, a princípio, por haver quem diga que só há problemas em instituições de ensino público. A intenção foi concluir que o *bullying* está presente nos mais diversos contextos sociais, independente da classe social.

Foram selecionados para participarem da amostragem 48 alunos de 5ª à 8ª séries, do turno matutino, pois se acreditou que, por terem um nível de leitura e escrita mais elevado que as séries inferiores, estes compreenderiam o questionário e teriam mais facilidade para respondê-lo. Os alunos estão distribuídos nas turmas da seguinte maneira: 5ª série: 17 alunos; 6ª série: 12 alunos; 7ª série: 10 alunos e 8ª série: 09 alunos. A idade dos alunos que participaram da pesquisa varia entre 10 e 14 anos. Ao todo, participaram 21 estudantes do sexo masculino e 27 do sexo feminino.

As entrevistas foram realizadas com os professores que se encontravam na sala durante a aplicação dos questionários. Enquanto os alunos estavam ocupados respondendo as questões, os professores responderam a uma breve entrevista, em que puderam expor suas opiniões e pontos de vista acerca da temática pesquisada. Também participou de uma entrevista a diretora da escola. Segundo Yin (2003), as entrevistas são fontes para obtenção de informações precípuas para o estudo de caso.

O levantamento das evidências e conclusões obtidas configuraram a pesquisa como analítica, pois partiram da análise dos fatos e das evidências coletadas na tentativa de comprovar ou refutar a

presença do fenômeno *bullying* e como este pode interferir nas relações interpessoais no ambiente escolar ora pesquisado.

O problema que embasou este estudo foi “Como o *bullying* pode afetar as relações interpessoais na escola?”. O objetivo geral foi analisar a influência do *bullying* nas relações interpessoais na escola pesquisada. Propôs-se como objetivos específicos analisar as manifestações do *bullying* na escola pesquisada; as opiniões dos alunos e professores sobre a ocorrência e a prática do *bullying*; analisar o parecer dos alunos e professores acerca da interferência do *bullying* nas relações interpessoais dentro da escola e as medidas adotadas pela escola tendo em vista a interferência do *bullying* nas relações interpessoais entre os alunos.

1 Fenômeno *bullying*

O *bullying* é um termo desconhecido para muitos brasileiros. Este capítulo tem o propósito de conceituar o *bullying*, a origem do termo, onde ocorre com mais frequência, quais as causas e consequências, os tipos de comportamento apresentado pelos envolvidos, além de uma especificidade que é o *bullying* entre as meninas, que se apresenta totalmente diferente e mais sutil que a prática entre os meninos.

1.1 Conceituação

A palavra *bullying* é de origem inglesa e não possui uma tradução precisa para a língua portuguesa. Sua definição e nome diferem em alguns países. Segundo Fante (2005, p. 27-28),

Mobbing é um deles, empregado na Noruega e na Dinamarca; *mobbning*, na Suécia e na Finlândia. Esses termos são utilizados com significados e conotações diferentes. Sua raiz inglesa, *mob*, refere-se a um grupo grande e anônimo de pessoas que geralmente se dedica ao assédio. Quando, porém, uma pessoa atormenta, hostiliza ou molesta uma outra, o termo utilizado para caracterizar esse comportamento é *mobbing*. Mesmo não sendo um termo adequado do ponto de vista lingüístico, *mobbning* é empregado para definir uma situação na qual um

indivíduo, sozinho ou em grupo, ridiculariza um outro. Na França, denominam *harçèlement quotidiën*; na Itália, de *prepotenza* ou *bullismo*; no Japão, é conhecido como *yjime*; na Alemanha, como *agressionen unther schülern*; na Espanha, como *acoso y amenaza entre escolares*; em Portugal, como *maus-tratos entre pares*.

Sua conceituação engloba um conjunto de comportamentos e ações deliberadas, intencionais, repetitivas, agressivas e danosas. A intenção é brincar e fazer gozações com outrem, sendo sua maior característica o desequilíbrio do poder. Em alguns casos, esse tipo de comportamento toma proporções bem maiores: parte da violência verbal e psicológica chegando a agressões físicas.

O *bullying* está presente no trabalho, na família, na comunidade, na escola, na *internet*, denominado de *cyberbullying*. Ele acontece ou pode acontecer em diversos contextos sociais. É necessário apenas que haja relações interpessoais. Fante (2005) afirma que é na escola e no trabalho que se acentua de maneira indelével sobre o indivíduo, levando-o a atitudes inesperadas, por vezes desesperadas, que em casos graves levam até ao suicídio.

Segundo a autora, é preciso saber diferenciar essas atitudes enquanto esporádicas e/ou frequentes, visto que alguns pesquisadores compreendem que só se caracteriza a existência de *bullying* se constatadas três ou mais agressões, ou seja, nem toda brincadeira de mau gosto e ofensiva pode ser caracterizada como *bullying*. É preciso que tenha reincidência.

1.2 Causas

Nogueira (2007) afirma que a partir da década de 80, as diversas manifestações de violência ganharam mais notoriedade pelo crescente envolvimento dos jovens. São diferentes as maneiras de se praticar violência, assim como são diferentes os tipos de indivíduos envolvidos. Essa prática vem tomando conta do ambiente escolar, muitas vezes de forma explícita, mas em muitas vezes, despercebido, fazendo com que a escola seja, para muitos, um ambiente hostil.

De uma maneira geral, pode-se definir a violência como qualquer atitude ou comportamento capaz de prejudicar objetos, seres vivos e pessoas. É uma forma de coerção caracterizada pela negação de direitos físicos e psicológicos de outrem. A autora aborda alguns aspectos que caracterizam nossa sociedade nos últimos tempos e que contribuem para o crescente índice de violência:

[...] o intenso processo de urbanização, as migrações internas com suas conseqüências de desenraizamento social, cultural, afetivo e religioso, a acelerada industrialização, o impacto das políticas neoliberais, a expansão das telecomunicações, a cultura do consumo, a enorme concentração de renda, a crise ética, o aumento da exclusão e do desemprego. (NOGUEIRA, 2006, p. 1).

Ela afirma que entender que as causas da violência se configuram como pobreza e miséria é reduzir e simplificar a questão, haja vista que há casos de jovens de famílias abastadas cometendo crimes. Uma das variedades da violência se caracteriza como *bullying*. Uma forma velada de praticar a violência moral, verbal, psicológica e, às vezes, física, que vem contribuindo fortemente para a formação de indivíduos violentos e delinquentes.

Fante (2006) caracteriza o *bullying* como um tipo de comportamento repetitivo, deliberado, agressivo, que não apresenta motivos aparentes. Esse comportamento está inserido numa relação desigual de poder sendo a vítima intimidada e considerada pelo opressor como o “lado fraco” que não consegue reagir, não revida nem denuncia seus agressores. Apenas guarda consigo, em silêncio, todas as humilhações que passa. E o agressor, ao não ser coagido em suas atitudes, tem reforçado, dia após dia, seu comportamento hostil. Geralmente, a vítima tem características físicas ou psicológicas que as diferem dos demais por não condizer com os padrões estabelecidos pela sociedade.

1.3 Consequências

Fante (2006) afirma que essas atitudes repressivas advindas do *bullying*, geram diversas consequências abrangentes e graves para os envolvidos. Esses danos vão desde a vida escolar (desinteresse pelos estudos, *déficit* de concentração e aprendizagem, evasão escolar etc.) até a saúde emocional (baixa na resistência imunológica e na auto-estima, sintomas psicossomáticos, transtornos psicológicos, depressão, suicídio etc.).

Para a autora, todos que estão envolvidos no fenômeno saem prejudicados. As consequências mais graves dizem respeito à vítima, que vive frequentemente isolada, regressa da escola com roupas rasgadas e queixa-se de objetos pessoais roubados ou quebrados.

Muitos educadores e pais vêem essa agressão como comportamento normal da idade. É preciso entendê-lo como uma problemática, um comportamento que poderá trazer consequências desastrosas para o indivíduo que sofreu e/ou vem sofrendo as agressões.

Esse comportamento visto como inofensivo, traz sofrimento, dor, angústia para a vítima, podendo causar diversos distúrbios psicológicos, capazes de chegar a tragédias. Aquele que oprime, também está sujeito a traumas psicológicos irreversíveis no futuro. O *bullying* pode ocasionar danos psicológicos para os envolvidos afetando suas relações interpessoais de forma a favorecer que se tornem futuramente indivíduos frios em seus relacionamentos, cada vez mais distantes da sociedade em geral.

Para Fante (2005), esses traumas podem ou não ser superados. Isso irá depender das características pessoais de cada indivíduo, assim como de suas habilidades em lidar consigo mesmo e em contextos sociais. Se o trauma não for superado, a vítima poderá sofrer danos psíquicos. Sua experiência traumática irá orientar suas atitudes futuras. A autora elenca uma série de consequências que se interligam à conduta *bullying*:

Isso afetará o seu comportamento e a construção dos seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas. Poderá também desenvolver comportamentos agressivos ou depressivos e, ainda, sofrer ou praticar *bullying* no seu local de trabalho, em fases posteriores da vida. (FANTE, 2005, p. 79).

Fante (2005, p. 80) relata que, enquanto a vítima está passiva a esses traumas, o agressor afirma sua posição, seu poder e autoritarismo perante ela. Essas atitudes podem causar no agressor o “distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares”, a utilização de práticas violentas como meio de realização de seus desejos e resolução de seus problemas, bem como levá-lo ao mundo do crime, tornando-se uma pessoa infratora, delinquente, de difícil convivência social, profissional e pessoal, um indivíduo frio em seus relacionamentos.

1.4 Tipos de Comportamento: como identificar os envolvidos

Para Silva (2006) e Ballone (2005), há meios de identificar os envolvidos na conduta *bullying*, pois estes apresentam características e comportamentos atípicos: vítima, agressor e expectador.

Vítima: frequentemente isolado ou próximo de algum professor ou adulto, regressa da escola com roupas rasgadas, queixa-se de objetos roubados etc. A vítima é sempre aquela que possui algum tipo de fragilidade, é aquela que não faz parte dos círculos sociais na escola nem dos modelos impostos culturalmente. Podem ter traços físicos (usar óculos, ter alguma deficiência, características físicas incompatíveis com modelos sociais etc.) ou emocionais (ser tímido, retraído, ter dificuldades de se expressar etc.). A vítima não se revela habilidosa física e emocionalmente para se impor diante dos agressores, nem ao menos procura ajuda dos pais, professores ou responsáveis, haja vista que teme represálias.

Fante (2005, p. 72) identifica além da vítima típica, supracitada, a vítima provocadora e a vítima agressora. A provocadora atrai para si os agressores, têm temperamento agressivo, tenta revidar quando atacada, mas sempre sem êxito. A autora afirma que esse tipo de vítima sempre causa tumulto e tensão no local onde se encontra, “[...] pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva, e ofensiva; é de modo geral, tola, imatura, de costumes irritantes [...]”. A vítima agressora sempre busca vingar-se dos maus tratos recebidos, busca para si outros agressores que possam lhe ajudar nesse intuito ou escolhe indivíduos mais frágeis, para nele reproduzir as agressões sofridas. A autora diz que essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, fazendo com que o *bullying* seja cada vez mais expandido.

Agressor: Põe apelidos, intimida, hostiliza a vítima, carrega consigo objetos e dinheiro sem justificar a origem; rouba material escolar e lanche dos outros colegas, faz ameaças, domina etc. Os agressores são antipáticos, arrogantes, desagradáveis e têm grandes chances de serem agressivos nos relacionamentos ou mesmo se tornarem criminosos, psicopatas, delinquentes. Teixeira (2004) e Fante (2005) afirmam que estes vêm de famílias desestruturadas, onde recebem pouco afeto. Eles fazem parte de um contexto social onde a violência, a arrogância e as atitudes agressivas são meios para solucionar problemas e estes meios servem como modelos a serem seguidos. Segundo Ballone (2005), os agressores querem que todos realizem seus desejos de imediato e sentem muita dificuldade ou impossibilidades de colocar-se no lugar do outro.

Fante (2005, p. 73) caracteriza o agressor como um indivíduo mais velho ou mais forte fisicamente que os outros, sem capacidade para lidar com frustrações, quer sempre mostrar sua superioridade e seu poder, real ou imaginário, é mau-caráter, tem condutas anti-sociais, “[...] incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias”. Outras características são o baixo desempenho escolar, queda no rendimento e nas notas.

Expectador: não participa do fenômeno, mas o assiste de fora, ou seja, ele presencia, mas não interfere; sente medo e angústia, teme ser a próxima vítima. Este não se envolve diretamente em nenhuma das funções anteriores, mas pode ser obrigado a passar para o lado do opressor sob ameaça de se tornar o próximo alvo.

2 *Bullying* na escola pesquisada

“Muitas vezes nosso objetivo é fornecer ao cliente – o Capital – sujeitos mais instruídos, mais educados, mais dóceis e mais tolerantes para suportar a pressão do movimento de exclusão crescente” (SAPELLI, 2007, p. 01). Segundo esta autora, a escola de hoje está marcada pelo individualismo e pela competição. Estudantes estão sem limites e por vezes seguindo modelos familiares deturpados. Suas relações se baseiam no autoritarismo e no poder: os mais “fortes” dominando os mais fracos, usando de medidas físicas ou psicológicas para atingir os fins almejados.

A pesquisa foi realizada numa escola particular situada no Bairro Alto Maron, em Vitória da Conquista - BA. Segundo informação da diretora, contava, em 2007, com aproximadamente 170 alunos. Oferece ensino do maternal à 8ª série, nos turnos matutino e vespertino. No matutino estão as turmas de 4ª à 8ª séries e no vespertino as turmas do maternal à 3ª série.

A escola foi fundada há 15 anos e hoje conta com uma equipe de 16 professores (juntamente com a diretora que leciona a disciplina Religião), um vice-diretor e um coordenador pedagógico. Tem uma estrutura física muito boa, principalmente no que diz respeito à organização e conservação do ambiente.

Os professores que participaram da pesquisa são estudantes universitários – bacharelado e licenciatura – e lecionam de 5ª a 8ª série, excetuando a docente de Língua Portuguesa que atende a um maior número de turmas (1ª a 8ª séries) e trabalha há pouco tempo na escola. Segundo ela, há quase três meses, ao contrário dos outros que chegam a uma média de dois anos e meio trabalhando nessa instituição escolar.

Teixeira (2004) e Fante (2005) afirmam que ter uma família desestruturada pode favorecer a conduta *bullying*. Os envolvidos podem receber pouco afeto e com isso construir um caráter agressivo ou submisso. Quanto à estrutura familiar destes alunos, foi questionado com quem eles moravam, com o objetivo de obter evidências acerca de quem faz parte de seu ambiente familiar.

A partir dos dados fornecidos pelos alunos, se tornou possível afirmar que 74% deles moram com o pai e com a mãe, fazendo parte de um modelo de família tradicional, composta pelos indivíduos “necessários” para sua completa formação: pai, mãe e filhos. Dos demais, 13% afirmam morar apenas com a mãe, 2% apenas com o pai, 11% dizem morar com outro responsável que não o pai e a mãe. Os alunos deste grupo afirmam morar com avôs, avós e tios.

Ao questionar os professores e diretora sobre o que era *bullying* e se eles já tinham ouvido falar, nenhum deles afirmou saber o que era nem tampouco o que isto queria dizer, com exceção de uma professora que disse já ter ouvido esta expressão, mas não sabia o significado. Esse dado nos leva à conclusão de que, nesta instituição, os professores não conheciam o *bullying*, impossibilitando que eles realizem seu papel de multiplicadores na prevenção e intervenção dessa prática.

O fato de não conhecer impossibilita o diagnóstico, a prevenção e o combate dentro das escolas. O comportamento dos envolvidos deixa transparecer que algo não está normal. Os educadores podem até perceber princípios de agressões e atos de violência entre os estudantes, mas caracterizam o comportamento como característico da idade. É preciso buscar conhecer para poder agir quando se tornar necessário.

Segundo Fante (2005) é na escola que o *bullying* se torna mais visível, marcando de forma brusca a vida dos indivíduos envolvidos, principalmente daquele que é vítima. Na escola pesquisada, foi percebida a presença do *bullying*. Os alunos põem apelidos uns nos outros, se agredem e impõem seu poder perante outros. Essas atitudes são características do fenômeno aqui pesquisado, porém é perceptível

que esse comportamento não é generalizado e há indivíduos que não têm traços característicos dos envolvidos: vítima, agressor e expectador. O *bullying* acontece na escola, mas muitos educadores não percebem, pois ele surge “por debaixo dos panos”. Mas, através da pesquisa, nota-se a sua presença que deve ser prevenida e combatida cada vez mais pelos responsáveis.

Ao questionar os alunos sobre suas atitudes e posições no grupo, verificou-se o percentual de 72% de alunos que gostam de expor suas ideias e não têm empecilhos em relação a isso. 13% dizem ficar quietos, só ouvindo, 15% têm vontade de falar, mas não têm oportunidade, nem tampouco conseguem expressar o que pensam. Geralmente, entre esses dois grupos que de maneira alguma expõem seus pensamentos, estão as vítimas e os expectadores do *bullying*, assim como entre os que gostam de expor suas ideias, podem estar os agressores, que gostam de impor o que pensam e o que querem que os outros façam. Nenhum dos alunos questionados afirmou preferir afastar-se dos demais colegas por opção ou por imposição.

Com o resultado obtido não se pode afirmar que existam indivíduos excluídos, que prefiram estar sós ao estarem junto ao grupo. Fante (2005) afirma que uma das grandes dificuldades de diagnosticar a presença do fenômeno é a resistência das crianças e jovens em falar abertamente sobre o tema. Estes indivíduos que sofrem têm bloqueios que os inibem de tratar do assunto, de maneira a se tornarem sempre receosos, evitando sempre falar algo que possa “comprometê-los”.

Uma das características apresentadas pelo comportamento de um indivíduo para se caracterizar como *bullying* é a agressão moral, física ou psicológica reincidente. Uma das formas de agressão moral mais comum nas escolas é a atribuição de apelidos desagradáveis e pejorativos que fazem os alunos passarem vergonha e se sentirem humilhados perante os outros colegas. Para se ter noção dessa prática, foi questionado aos alunos se algum colega lhes haviam colocado algum apelido de que não gostassem e que os fizeram se sentir constrangidos diante dos colegas.

Verificou-se que quase metade dos alunos (48%) já recebeu apelidos dos colegas da escola. 52% não foram vítimas de nenhuma gozação ou preferiram não se manifestar. Uma característica presente nos apelidos recebidos por esses estudantes, diz respeito à sua compleição, seus traços físicos e de etnia. Alguns destes apelidos foram citados pelos próprios alunos nos questionários: “palito de dente, bigoduda, dentuça, sequelado, macaca chita, anãozinho, canelinha, dumbo, baleia, jararaca, sem bunda, amarela, formiguinha” dentre muitos outros. Todos esses apelidos afetam muito as vítimas e machucam a alma. As pessoas não são “diferentes” por que querem, é a sociedade da estética que dita seus padrões. É preciso que a escola trabalhe mais com os alunos no que diz respeito às diferenças presentes em cada indivíduo. Mas, se há quem receba apelidos, há, também, quem os coloque.

Podemos verificar que mais da metade dos questionados, ou seja, 54% dos alunos põem apelidos em seus colegas. Esse tipo de alcunha se assemelha ao que foi citado anteriormente: “donzelinha, bola 7, elefante, poço de banha, baleia, mente poluída, bebê sauro, bujão, topeira, pimentão etc”. De novo os apelidos dizem respeito às características físicas, emocionais e psicológicas de alguém. Os faz passar vergonha frente aos outros colegas que, quando não ajudam, reforçam aquilo que o agressor começou a pôr em prática.

Quando questionados se já praticaram ou sofreram algum tipo de violência, desrespeito ou agressão dentro da escola, o percentual de vítimas é alto e mais alto ainda são os praticantes. Verificou-se que o percentual de alunos envolvidos em algum tipo de violência é significativo, tanto praticando quando recebendo essas agressões. 33% afirmam que já foram vítimas de agressões do tipo: xingar, bater, derrubar do balanço, receber tapas no rosto, cercar e ameaçar, empurrar, puxar cabelos etc. 34% dos alunos afirmaram que já praticaram algum tipo de violência ou desrespeito. Estes afirmaram já ter praticado as seguintes ações: dar murros, bater, xingar, dar “porradas”, enfiar o lápis na mão do colega, empurrar, criar brigas etc.

Os alunos foram interrogados quanto a levar para casa algum pertence alheio por querer demonstrar poder sobre o dono desse objeto ou já ter sido roubado, por que o ladrão quis afirmar sua posição de superioridade perante o mais fraco. 7% de alunos afirmaram que nunca levaram para casa pertence alheio para mostrar poder. É importante considerar que muitos não afirmam que furtaram ou que foram vítimas por sentirem medo de represálias e ações corretivas de pais e professores.

Pode-se considerar esse percentual (7%) pequeno, mas nunca se pode deixar esse tipo de comportamento sem uma atitude corretiva. Pequenos furtos podem se transformar em grandes roubos futuramente. Os pais devem ficar atentos ao perceberem seus filhos chegando em casa portando itens que não são seus. Eles podem ter furtado de algum colega da escola.

Um percentual considerável de alunos afirmou ter sido vítima de colegas que furtaram pertences pequenos seus. De todos os entrevistados, 19% afirmaram terem sido roubados dentro da escola. Deles foram levados: carrinhos de brinquedo, borracha, lápis de cor, grafite, estojo (porta-lápis), pulseiras etc. É um número considerável, ou seja, de 48 alunos, 9 afirmaram que são vítimas. A escola deve ficar atenta, pois há alunos que estão ameaçando outros e executando ações erradas, como o furto.

No que diz respeito às ameaças, foram feitas as seguintes perguntas: Você já sofreu algum tipo de ameaça dentro da escola? Um número preocupante diz ter sido ameaçado: 42% dos alunos afirmaram ter sido vítimas de ameaças. Essas ameaças se configuram da seguinte maneira: os agressores, ou melhor, os ameaçadores dizem, segundo informações dos alunos, que vão bater, trazer a soqueira, pegar na saída da escola, bater na rua, colar chiclete no cabelo. Chegam até a ameaçar de morte como afirmou um aluno de 8ª série. São ameaças muito sérias. As vítimas deveriam se manifestar dentro da escola com os professores, coordenadores e diretor e em casa conversarem abertamente com os pais. A escola não pode se tornar uma tortura para o estudante, eles

têm direito de se sentirem confortáveis e livres de qualquer pressão e ameaça.

30% dos alunos disseram terem sido excluídos de grupos de estudo e trabalhos escolares por não poder oferecer nada ao grupo, não ser bonita, nem popular, ser considerado chato, por que não gostavam dele, por o considerarem preguiçoso etc. Um número preocupante de alunos (43%) afirmou ter sido responsável pela exclusão de algum colega do seu grupo. Ao serem questionados quanto aos motivos, os 43% disseram ter retirado o colega do grupo por que: não gostavam dele, ele era *gay*, era chato e menino, “picareta”, pirracento, insuportável, ruim, não queria saber de nada, desagradável e desinteressado, só queria brincar, atentado, não realizava as atividades prejudicando o grupo etc.

Os valores (43%) são altos, mas é importante elucidar que alguns dos motivos de exclusão não dizem respeito ao *bullying* e sim, à falta de compromisso do aluno com a escola. Muitos não queriam em seus grupos aqueles que só pensavam em brincar, que atrapalhavam durante a aula, que não contribuíam com os estudos e, dessa maneira, viriam a atrapalhar e prejudicar o trabalho grupal. Dos 48 alunos questionados, apenas 5 afirmaram excluir os colegas por suas particularidades. Uma das respostas apresentadas foi um aluno afirmar que não queria o colega em seu grupo por esse aluno ser *gay*.

Com o intuito de verificar se os alunos manifestam aos responsáveis a violência que sofrem, foi perguntado a eles se os pais e professores são informados dessas ocorrências e o que estes fizeram para ajudar. Um número pequeno de alunos disse tomar alguma atitude. Apenas 17% deles disseram ter relatado o ocorrido dentro da escola comunicando aos pais diversas vezes, alguns chegaram a comparecer na escola uma média de 5 vezes. Segundo eles, os pais aconselham, discutem com os culpados, resolvem com a diretoria, ou seja, os pais tentam resolver. Partindo dessa atitude, a reação do agressor pode ser reforçar suas ações agressivas por sentir-se acuado, mas é muito importante os pais mostrarem que se interessam e que vão fazer algo. Nem todas as vítimas se sentem encorajadas a procurar ajuda. Mas

quando o fazem e têm alguém para ajudá-los, melhoram sua auto-estima e se sentem mais confiantes.

Pelos questionários aplicados, pode-se afirmar que não há casos graves, em que medidas específicas devam ser tomadas. Os docentes e responsáveis pela escola devem tomar partido em uma campanha de prevenção, antes que seja tarde demais e os alunos comecem a praticar o *bullying* de maneira mais agressiva do que a que foi apresentada nos questionários. A agressão, por menor que seja, tem que ser vista de perto. A instituição de ensino, juntamente com os pais, precisa intervir e prevenir essas práticas, conscientizando os jovens acerca dos valores que há em respeitar o outro e suas particularidades.

2.1 Opiniões de professores e alunos sobre a ocorrência do *bullying* na escola

Segundo os professores entrevistados, queixas decorrentes de atos de agressão e violência são frequentes, ou melhor, acontecem diariamente. Uma professora diz receber queixas em todas as suas aulas. Para os docentes, os motivos que geram esse tipo de comportamento do aluno na escola estão relacionados com a formação que este recebe em casa, na mídia, na *internet...* Mas a maioria afirma que é apenas uma fase característica da idade. Os educadores devem tomar cuidado ao atribuírem certos comportamentos à idade. Muitos desses comportamentos podem não ser apenas da fase e sim atitudes violentas de agressores e praticantes do *bullying*. Os professores afirmam que conseguem identificar os envolvidos no *bullying*, tanto as vítimas quanto os agressores.

Quanto aos alunos, estes têm opiniões variadas: gostam das brincadeiras; os colegas devem respeitar, nunca xingar; “parar de fazer isso por que é muito ruim”; evitar brincadeiras de mau gosto; esse tipo de brincadeira pode magoar os outros; as pessoas não gostam de ser vítimas; esse comportamento agressivo ofende; quem pratica a agressão não tem moral; gostam de brincar com os outros, mas não

gostam de ser o alvo de brincadeiras etc. Muitos alunos afirmam que gostam de fazer gracinhas com as características pessoais dos colegas, mas quando as vítimas são eles, estes se sentem humilhados e ofendidos. Enquanto eles praticam se sentem bem, mas quando são os alvos acham ruim. Assim é o *bullying*: só sabe quanto é ruim quem sofre.

Todos os professores afirmaram que o *bullying* afeta as relações interpessoais dentro da escola, pois o agressor procura como companheiro aquele que pode contribuir com suas ações e/ou apoiá-lo e quando não o encontra, força alguém a sê-lo. As vítimas se isolam cada vez mais, pois dificilmente alguém ajuda; todos temem ser a próxima vítima. Esses temerosos são considerados os expectadores, que vêm, mas nada fazem.

Os professores concordaram que a prática do *bullying* afeta as relações interpessoais. Segundo eles, as medidas adotadas pela escola diante da interferência do *bullying* são, dentre outras: chamar a atenção do aluno no ato da ação agressiva; fazer anotações na caderneta; a depender do grau de agressão a diretora é convocada para uma conversa junto com os pais; o aluno poderá receber uma advertência ou mesmo uma suspensão das atividades escolares; o aluno perde o horário de intervalo; o aluno perde a pontuação referente ao comportamento na sala de aula.

Os professores afirmam que a prática do *bullying* afeta o desempenho escolar. Os alunos agressores atrapalham a aula e não prestam atenção, têm baixo rendimento nas notas, pois não conseguem separar os dois momentos: brincar e estudar. Não só os agressores, mas também as vítimas se sentem desmotivadas, pois as ameaças e o medo prevalecem. Segundo Fante (2005), as vítimas apresentam baixa frequência nas aulas, queda gradativa no desempenho e notas, na sala sentem dificuldade de se expressarem na frente dos colegas, mostram-se inseguras e ansiosas. A vítima é a mais prejudicada, porém o agressor também tem queda em sua produtividade escolar, pois passa todo o tempo interferindo nas aulas colocando apelidos, fazendo algazarras, ridicularizando os colegas, dentre outras atitudes. Com o *bullying*, todos saem perdendo.

Segundo Placco (2002, p. 364), é necessário prevenir a violência no ambiente escolar, e os professores são considerados privilegiados para a execução desse projeto:

A escola pode atuar na prevenção à utilização da violência por meio de projetos que considerem como ponto de partida e vulnerabilidade dos jovens, que mobilizem os professores em torno de uma tarefa coletiva, que se utilizem dos vínculos da escola com a comunidade, valorizando especialmente a participação dos pais.

Surge aí uma urgência em formar os docentes para atuarem na prevenção da violência velada ou explícita, visto que a falta de conhecimento e de informação sobre essa problemática poderá surtir efeito contrário ao desejado. Esse trabalho com os professores requer ações muito bem planejadas e um entendimento dos educadores de que, as agressões, seja continuação das brincadeiras ou violência expressa, não podem ser consideradas como comuns no ambiente escolar. Os responsáveis acabam por banalizar a violência e todas as suas manifestações. O *bullying* não é uma brincadeira inocente.

Considerações finais

Um dos grandes problemas ligados ao *bullying* é a falta de conhecimento e informação dos pais, dos responsáveis e dos educadores. Eles acreditam que essas atitudes são brincadeiras características da idade e da fase que esses alunos estão passando.

Meguerditchian (2007) afirma que é preciso criar uma “cultura contra o *bullying*”. Mostrar ao intimidador que esses atos não são permitidos em hipótese alguma. Mas, para criar essa cultura, é necessário primeiramente investigar, identificar essa prática dentro do ambiente escolar, exatamente o interesse que fez surgir, primeiramente, a proposta de pesquisa, e este trabalho monográfico.

O *bullying* afeta as relações interpessoais na escola ferindo as amizades e tornando alguns indivíduos mais isolados e outros mais

perversos. Embasado nas opiniões dos alunos e professores, é possível concluir que o *bullying* existe e está presente nas escolas, por mais que os pais e educadores não o conheçam. Além de afetar as relações interpessoais, prejudica os envolvidos. Estes apresentam baixos rendimentos na escola: a vítima por se sentir desmotivada e o agressor por não saber respeitar o momento da aula. O agressor perde e faz com que as vítimas também saiam perdendo com o *bullying*, ou melhor, todos perdem muito. Em casos mais graves chegam a perder a vida, como em casos ocorridos em outros países, apresentados pela mídia.

Não se pode achar que o *bullying* está apenas em comunidades menos privilegiadas. Ele está presente em diferentes contextos sociais e em escolas públicas e particulares. Mas é necessário avaliar a intensidade destas brincadeiras por meio de uma parceria entre escola e família. Esta será uma ação crucial para a eliminação de tais comportamentos.

Essas duas instituições – escola e família – têm que deixar de delegar responsabilidades de uma para a outra. Os pais acusam a escola de não ter autoridade em impor a disciplina e a escola acusa a família de não dar limites aos filhos. A própria escola deve buscar o apoio dos pais e responsáveis nas questões que se referem aos limites, ética, desrespeito aos mais fracos e aos mais velhos. A família deve reassumir seu papel de formadora de cidadãos deixando de ser cega, não acolhendo todas as atitudes dos filhos.

BULLYING IN SCHOOL

Abstract: This article is about bullying, a set of comportments involving physical, verbal or psychological attacks, done intentionally or repeatedly, without visible motivation, by one or more attackers against a more fragile individual from a physical and emotional point of view. The research problem that led to this paper was: “How bullying can affect interpersonal relations at school?” The main objective was to analyze how bullying influences interpersonal relations. The specific objectives were: to analyze *bullying* occurrences at the researched school; to analyze the teachers and students’ opinions about the occurrence and practice of bullying; to analyze the teachers and students’ reports regarding bullying interference in interpersonal relations inside the school; and to analyze actions taken by the school professionals

considering the bullying interference in the interpersonal relations among the students. So, we analyzed the consequences of those attitudes among students, both victims and attackers, through a case study as Yin (2003) suggests. The research was accomplished in a private school in Vitória da Conquista (Bahia-Brazil) that had, in 2007, 95 matriculate students. This choice was made because, according to some people, there are problems only in public schools. The research procedures were: direct observation, interviews and questionnaires. With the obtained data, it was possible to deduce that pushy practice is present at school, appearing in unusual situations, obstructing interpersonal relations and the involved ones' learning processes.

Keywords: *Bullying*. Interpersonal relations. Interpersonal relations at school.

Referências

BALLONE, G. J. **Maldade da Infância e Adolescência:** *Bullying*. 24 maio 2005. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato. **O fenômeno bullying e suas conseqüências psicológicas.** Disponível em: <<http://www.psicologia.org.br/internacional/pscl84.htm>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

_____. **Fenômeno bullying:** como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Verus Editora, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MEGUERDITCHIAN, Alan. **É preciso criar uma cultura contra o bullying.** Entrevista com Alessandro Constantini. Disponível em: <<http://www.aprendiz.uol.com.br/content.view.action?uuid=a372d9b70af4701001ce669e14a930e2>>. Acesso em: 6 mar. 2007.

NOGUEIRA, Rosana Maria César del Picchia de Araujo. **A prática de violência entre pares:** o *bullying* nas escolas. Disponível em: <<http://www.rioei.org/rie37a04.htm>>. Acesso em: 27 set. 2006.

NOGUEIRA, Rosana Maria César del Picchia de Araujo. **Bullying na escola e na vida.** Disponível em: <<http://www.pedagobrasil.com.br/pedagogia/bullyingnaescola.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2007.

PLACCO, V. M. N. S. Et. al. Representações sociais de jovens sobre a violência e a urgência na formação dos professores. **Psicologia da Educação**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC-SP, n. 14/15, VV.AA – EDUC – 1º e 2º sem. de 2002.

SAPELLI, Marlene Lucia Siebert. **A relação interpessoal entre educando / educador no contexto da pedagogia crítica**. Disponível em: <<http://www.olhoscritivos.com.br/index.php?page=SugestoesAulas&file=show&id=aula-plano-de-aula-as-relacoes-inter.php>>. Acesso em: 27 abr. 2007.

SILVA, Geane de Jesus. **Bullying**: quando a escola não é um paraíso. Disponível em: <<http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php>>. Acesso em: 29 ago. 2006.

TEIXEIRA, Andréa das Neves. **Bullying**. São Paulo: Universidade de São Marcos, 2004.

YIN, Robert. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. São Paulo: Bookman, 2003.

Artigo recebido em: 30/3/2012

Aprovado para publicação em: 30/05/2012